



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



Gente Nossa

Área Temática: Cultura / Educação

Nome dos autores / equipe do Projeto: Henrique Alberto Alves Ferreira¹; Oscar Keiji Eguchi²; Vanessa Massami Yoshimatsu³; Edson Gabriel da Silva Júnior⁴; Rafaela Fíchery dos Santos Silva⁵.

1 Coordenador / Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM); Programa Institucional de Bolsas de Extensão Universitária (PIBEX 2015/2).

2 Coordenador Adjunto / Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM); Programa Institucional de Bolsas de Extensão Universitária (PIBEX 2015/2).

3 Graduanda do Bacharelado de Ciência e Tecnologia (BCT). Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM); Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Extensão Universitária (PIBEX 2015/2).

4 Graduando do Bacharelado de Ciência e Tecnologia (BCT). Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM); Colaborador do Programa Institucional de Bolsas de Extensão Universitária (PIBEX 2015/2).

5 Graduanda do Curso de Sistemas de Informação da Faculdade de Ciências Exatas (FACET). Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM); Colaboradora do Programa Institucional de Bolsas de Extensão Universitária (PIBEX 2015/2).

RESUMO: O projeto de extensão “Gente Nossa” é uma iniciativa cultural que busca desvelar a alma do sujeito do Vale do Jequitinhonha a partir de sua vivência, de sua sabedoria, da história narrada a partir de sua memória. Visando a produção de um documentário em vídeo, que será posteriormente exibido em praça pública nos municípios visitados pela equipe do projeto, também registra imagens, fatos, entrevistas e narrativas do Vale do Jequitinhonha, cujas ações poderão ser acompanhadas pela rede, em sítio próprio, como um diário de bordo. Apresentando-se como poderosas alternativas quanto ao estreitamento da distância entre a universidade e a sociedade da região em que se insere, as ações de extensão contidas neste projeto, subsidiadas pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), focalizam os valores humanos e culturais desta

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

porção de terra, tão opulenta pela grandeza indiscutível de seus habitantes e a complexa diversidade étnica que os formou no passado, quanto sofrida pela escravidão e extrativismo mineral desenfreados do ontem, e pela miséria e pobreza que ainda hoje assolam a região. Os relatos, registros e documentação, colhidos de forma ética, respeitosa e informal, auxiliam no processo de compreensão do povo habitante do Alto, Médio e Baixo Jequitinhonha, de onde emergirão ainda narrativas separadas por temas ou grandes troncos (História, Cultura, Anedotas e Gente): da oralidade para a escrita, e da escrita para as escolas públicas do ensino médio, espaço social em que as crianças, adolescentes e adultos do EJA poderão ter contato com sua própria cultura através do processo de ensino/aprendizagem de leitura e produção de textos. Acredita-se que assim, assimilando a cultura que nos rodeia e apostando na diversidade e nas diferenças socioculturais que cada ser carrega individual e coletivamente, possamos manter vivas as culturas tradicionais do Vale, propiciando o diálogo, preparando-as para o confronto com o futuro, poupando-as do descaso cultural e esquecimento que a modernidade traz para substituí-las a partir de novos valores científico-tecnológicos por que passa a humanidade.

Palavras-chaves: Vale do Jequitinhonha. Cultura. Memória.

1. Introdução

A rica cultura dos arredores

Ao unirmos nossas memórias, percebemos aquilo que, de certa forma, sempre intuímos em nossas solidões: somos um grupo. (NETHRING, Marta. Vídeo memória)1.

A maior riqueza um de povo está em sua própria gente, sua cultura, sua manifestação no tempo, suas festas, sorrisos, lágrimas e mazelas, também seus costumes, rituais, crenças, seus mortos, seus ancestrais, sua vida. Assim, não compreendemos o momento presente sem que estejamos inevitavelmente ligados ao passado. No tempo e no

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



espaço, a manifestação cultural de uma dada comunidade, povo, gente, em seus costumes e tradições, é um testemunho do agora que promove a percepção de formação do sujeito. Queremos ser capazes de observar, especificamente, neste projeto, o sujeito do Vale do Jequitinhonha, sua forma de viver, de pensar, de sentir, suas crenças, seus ritos, acontecimentos marcantes, suas inquietações e as histórias que gostariam de guardar.

A região do Vale do Jequitinhonha é uma das doze mesorregiões que compõem o estado de Minas Gerais e, ultrapassa, pela afinidade cultural de seus habitantes, limites físicos de micro e macrorregiões, tanto onde se conflui quanto onde se diferencia, e configura-se como justo legado de importância histórica e sociocultural que merece ser aprendida, apreendida e compartilhada. A região possui um total de 51 municípios. É banhada pelo rio que leva seu nome e localiza-se no nordeste de Minas Gerais, ocupando uma área de 79.000 km² e uma população de quase um milhão de habitantes (aproximadamente 980 mil habitantes), conforme dados constantes no sítio da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o Portal Pólo Jequitinhonha (disponível em <http://www2.ufmg.br/polojequitinhonha/>).

Miscigenada e sincrética, vezes à força, vezes não, a região do Jequitinhonha carrega os traços das culturas indígenas, da cultura negra, do garimpo, guerras, lutas, escravidões e revoluções políticas. Sua gente, guerreiros da resistência, pode nos dar respostas do passado, antes que sejamos atropelados pelo futuro.

Embora a modernidade avassaladora, motivada agora pela alta velocidade das informações, venha devorando a resistência dos detentores de uma cultura interiorana, à qual obriga a modernizar-se (também através de uma suposta / utópica ideia de progresso), seja interposta ao discurso político e econômico de uma classe dominante, ela funciona também como responsável pelo ponto de contato entre os valores da civilização e da barbárie.

1 Ensaio originalmente apresentado no evento “Palavra e imagem, memória e escritura”, promovido pelo programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, nos dias 25 e 26 de novembro de 2002, e reunido posteriormente, em 2006, em livro organizado por Márcio Seligmann-Silva, para a coleção “Debates”. Publicado em Chapecó, Santa Catarina, pela editora Argos.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



Propõe-se aqui utilizar-se da tecnologia a nosso favor e não contra às culturas tradicionais para resgatá-la e preservá-la, além de também observar como vêm se transculturando e as estratégias criadas para resistir / desistir.

A diferença entre o presente e o passado, menos observada nas urbanidades, e muito mais nos recônditos interiores rurais, é o ponto da heterogeneidade cultural que, em forma de rede, dá voz a regiões em que o discurso da História foi ficcional, já que contado por uma só perspectiva socioeconômica – a do dominante – e permanece incompleto. É preciso dar vez, voz, forma e corpo a uma outra história, sob a perspectiva do dominado, para que a coleção de versões sobre um mesmo fato e um mesmo povo possa alcançar uma maior compreensão do ocorrido, culturalmente.

O choque entre culturas promove sempre uma aculturação (quando um povo perde ou é obrigado a perder seus valores culturais para assimilar outro – que pode ser momentânea, parcial, ou total) e também uma transculturação (quando os valores culturais entre os envolvidos coexistem e são miscigenados e permutáveis), conforme Ortiz (2000, p.157):

Entende-se por aculturação o processo de trânsito de uma cultura para outra e todas suas repercussões sociais. Transculturação, porém, é um vocábulo mais apropriado. Escolhemos transculturação para expressar os variadíssimos fenômenos que se originam em Cuba, por meio das complexas transmutações de culturas que aqui se verificam; sem conhecê-las é impossível entender a evolução do povo cubano, tanto no aspecto econômico quanto no institucional, jurídico, ético, religioso, artístico, lingüístico, psicológico, sexual e nos demais aspectos da vida².

Essas transculturações poderão ser mais bem observadas no interior, regionalmente, já que já se encontram miscigenadas com valores socioculturais advindos da modernidade (via urbanizações). Assim, quanto mais longe dos centros urbanos, por assim dizer, mais antigas serão as culturas pesquisadas. Trazê-las à tona é o nosso objetivo, tanto como

2 O original é de 1983: “El contrapunteo cubano del azúcar y del tabaco. Cuba: Editorial de ciencias sociales”. Publicado em Havana, 1983. Capítulo: “Del fenómeno de la "transculturación" y de su importancia en Cuba”.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



forma de registro, como forma de identificação social. O espelho de um coletivo refletido a si mesmo, assim como o imaginário popular exibido ao povo que o constrói, tanto em forma de livros contendo narrativas e outros relatos, como em forma de filme a ser exposto em praça pública compõem a contrapartida social e os produtos culturais do projeto “Gente Nossa”.

O uruguaio Ángel Rama (2001), responsável pela unificação de um sistema literário latino-americano, só conseguiu visualizar seu intento depois que considerou a heterogeneidade e a pluralidade de estilos dispersos como ilhas ou pontos, aos quais denominou comarcas literárias. Sua definição ultrapassa os limites geográficos e políticos das nações latinoamericanas para dar limites a regiões de mesmas afinidades culturais, portadoras de um mesmo passado étnico e religioso, de acordo com os costumes e tradições de seus antepassados.

Acreditamos que o conceito de comarca literária de Rama (2008) seja válido também para o Vale do Jequitinhonha. No entanto, não temos a pretensão de mapear literariamente a região, mas registrá-la, documentá-la em áudio e vídeo, trazer à tona seus encantos culturais, através de sua gente e, posteriormente, escrevê-la.

Talvez dessa forma possamos escapar às críticas de Polar (2008) ao trabalho de Rama, quando considera que a passagem da oralidade para a escrita produz perdas irreparáveis e incontáveis versões históricas fantasiosas acerca de um fato. Assim, segundo ele, a cultura grafada não abarca a cultura que descreve, além de haver o problema da intencionalidade por detrás das palavras, que podem estar carregadas ou a serviço de ideologias dominantes, explícita ou implicitamente.

Não à toa, em referência ao uso da escrita, Derrida (1987), em A Farmácia de Platão, considera que a palavra escrita é um fármakon, em relação à dualidade da substância medicamentosa, que pode tanto ser cura ou veneno. Assim, a palavra, livre-arbítrio da comunicação dos humanos, reveladora do íntimo de quem a escreve, como legenda de um pensamento ou de uma cultura, assim que escrita, pode promover tanto o esquecimento como a lembrança, dependendo de seu uso. No discurso, pode estar sempre a favor de algum poder. Sendo um fármakon, é remédio e veneno, ao mesmo tempo, pois atualiza o passado (cura) assim como não traduz com fidelidade a cultura sem escrita e

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



subverte a realidade pela história (veneno). No presente estão aqueles que buscam, errantemente, uma concentração ótima de tal substância, que só pode ser assimilada numa relação com o tempo. Portanto, não se trata de atrelar à escrita, e muito menos à literatura,

a responsabilidade única de arqueologizar a cultura. Nós, latinos, assim o fazemos, transculturalmente, às vezes, e essa é nossa afinidade cultural, que há poucos anos atrás, davam o nome de ‘identidade’ e que hoje caiu em desuso (BAUMAN, 2005).

Atentos a isso, propomos inicialmente o registro em áudio e vídeo, lançando mão da tecnologia, considerada vilã da cultura e memória tradicionais, como nossa aliada, para evitar as distorções causadas pelas formas de registro e documentação já destacadas (oralidade e escrita), através do uso de imagens, tanto animadas quanto estáticas, em forma de filme documentário.

Nethring (2002), em seu ensaio “vídeo memória”, ao explicar a metodologia adotada para trabalhos com vídeo, aponta o caminho para que a ética seja o fio condutor de equilíbrio de todo o processo documental, passos que seguiremos.

Do ponto de vista de uma “ética” do documentário o procedimento é discutível, pois dele eliminamos a presença da direção. É claro que toda obra filmada, não importa seu gênero, sempre terá uma carga ficcional: mesmo que o entrevistado tenha alguma margem de escolha ao dar o depoimento, a montagem é um procedimento autoral (para não dizer autoritário). A diferença é que alguns documentários, ao incluírem o making of das filmagens, explicitam o aspecto autoral, assim, exercitam o que se poderia chamar de “ética da verdade” (NETHRING, 2002, p.390).

Em síntese, o projeto procura documentar em áudio e vídeo, in loco, relatos de pessoas do Vale do Jequitinhonha, com todas as suas microrregiões (constituem o Vale cinco micro-regiões: Diamantina, Capelinha, Araçuaí, Pedra Azul e Almenara). Posteriormente, selecionaremos as exposições dos entrevistados e criaremos um material didático composto por narrativas do Vale, a ser distribuído nas escolas públicas para o Ensino Médio dos municípios parceiros.

A extensão universitária é a ponte ideal para o contato entre as comunidades e a universidade. É na cultura popular e, principalmente, no reconhecer-se como gente dessa mesma cultura, que o orgulho de pertencimento aflora e a necessidade de sobrevivência da tradição ganha força.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



Pela incontestável abertura de possibilidades que permitem os estudos culturais, o projeto “Gente nossa”, registrado sob o nº 010.2.015-2016 do Programa Institucional de Bolsas de Extensão Universitária da UFVJM, abre caminhos para estudos antropológicos, socioculturais, literários, linguísticos e históricos porque propõe, em seu propósito maior, o mapeamento cultural da região do Vale do Jequitinhonha através de registros de áudio e vídeo (documentário) pelo relato de seus habitantes. Por meio da observação de como se dá a construção cultural do sujeito do Vale, procura trazer à tona o despertar de uma consciência cultural à região. Isto, claro, se torna possível porque tal intento é constituído por um conjunto de ações menores (objetivos específicos) que englobam: a criação e distribuição de material pedagógico (textos, relatos e narrativas do Vale) para alunos do ensino médio sobre o Vale do Jequitinhonha, nas disciplinas afins, tendo como eixo transversal a Cultura, e o acompanhamento de sua utilização; o diálogo entre a Universidade e as regiões mais afastadas, na troca de conhecimentos e experiência de vida, em busca do despertar da consciência das diferenças e semelhanças culturais de cada micro/macro região do Vale do Jequitinhonha, diante de sua enorme diversidade.

2. Metodologia

Inicialmente, foram sorteados municípios das cinco microrregiões do Vale do Jequitinhonha, com um peso proporcional ao número de cidades de cada uma. Assim, quinze municípios serão visitados, e em seus arredores serão feitas as pesquisas. A Figura 1, abaixo, facilita a assimilação pelo processo visual que possibilita:

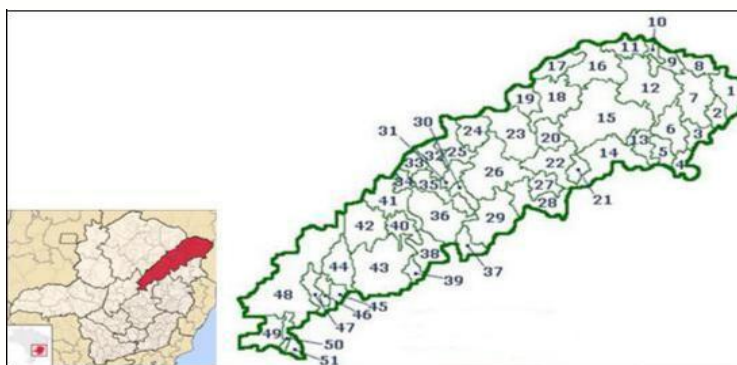


Figura 1. Região do Vale do Jequitinhonha³.

³ Fonte: <http://madeinrubim.wordpress.com/2010/02/05/jequitinhonha/>.

Copyright 2000-2001: <http://www.brasilchannel.com.br>

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



Assim, os municípios sorteados foram, de acordo com as microrregiões que compõem o Vale (os números referem-se ao mapa da Figura 1):

- Microrregião Almenara: 02 – Santa Maria do Salto; 06 – Rubim; 11 – Divisópolis; 15 - Jequitinhonha; 21 – Monte Formoso.
- Microrregião Pedra Azul: 16 – Pedra Azul; 17 – Cachoeira do Pajeú.
- Microrregião Araçuaí: 22 – Ponto dos Volantes; Carai.
- Microrregião Capelinha: 35 – Chapada do Norte; 37 – Angelândia; 40 – Veredinha.
- Microrregião Diamantina: 44 – Senador Modestino Gonçalves; 45 – Felício dos Santos; 49 – Gouvêa.

A Figura 2 permite-nos observar a Região do Vale do Jequitinhonha mapeada por suas cinco microrregiões constituintes. Assim, há ainda uma divisão adicional, também bastante utilizada pelos moradores do Vale, que a divide em Alto (microrregiões Diamantina e Capelinha), Médio (microrregiões Araçuaí e Pedra Azul) e Baixo (microrregião Almenara) Jequitinhonha.



Figura 2. Microrregiões constituintes do Vale do Jequitinhonha⁴

⁴ Fonte: Portal Polo Jequitinhonha. Disponível em < <http://www2.ufmg.br/polojequitinhonha/O-Vale/Sobre-o-Vale>>. Acesso em fevereiro de 2016.



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



Nossa equipe foi formada por dois coordenadores, uma bolsista e dois colaboradores. Dividimos os trabalhos de acordo com a disponibilidade de cada um, que incluem a filmagem, propriamente dita, a criação e a manutenção de um blog contendo as ações do projeto (diário de bordo), a transcrição dos relatos em forma de narrativa, a publicidade, captação de recursos e finalmente a edição e conclusão do material.

Antes de iniciarmos as visitas aos municípios sorteados, um interessante material teórico sobre a história de ocupação da região, que inclui autores de referência como Ayres da Mata Machado Filho, Júnia Ferreira dos Santos e Felício dos Santos foi compartilhado entre os participantes. Após a criação de um logotipo para o grupo, simbolizado pela planta do cerrado conhecida como “sempre-viva”, representante da resistência, força e beleza que brota em todo o cerrado do Vale, para publicizar as ações do projeto e captar recursos para executá-lo da melhor maneira possível. Sua duração é de um ano, iniciado em março deste ano (devido às últimas greves, o calendário da UFVJM ainda se adequa ao Juliano) e com final previsto para fevereiro de 2017, com tendências a continuar a ideia.

Finalmente, iremos nos deslocar pelas localidades sorteadas e, munidos de três câmeras filmadoras e gravadores de áudio, de acordo com autorização de uso de imagem e de relatos pessoais, assinada pelos entrevistados (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), procederemos à pesquisa, de fato.

Nosso cronograma / programação⁵ é feito trimestralmente. Portanto, temos agendadas as viagens para 26, 27, 28 e 29 de maio aos municípios de Gouvêa e Felício dos Santos; de 11 a 13 de junho, para Santa Maria do Salto e Rubim; para os finais de semana de julho, para Angelândia, Veredinha e Chapada do Norte.

Fechadas, ainda no primeiro semestre (do projeto), as cinco regiões, passaremos à edição de vídeo, transcrição literal dos originais para meios digitais, em forma de texto, e

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

em seguida, para a transcrição textual gramatical, própria ao material pedagógico a ser utilizado nas escolas.

A cada localidade, as iniciais do entrevistado, data e local serão devidamente registrados. Nesse ínterim, divulgaremos o projeto e estabeleceremos parcerias com os interessados (iniciativa privada e/ou pública) tanto para complementação dos recursos destinados ao produto final, quanto para divulgação e exibição do filme, de preferência em praça pública, nos municípios pesquisados.

A ação documental deste projeto, tanto em áudio quanto em vídeo, também objetiva a produção de um livro didático. Acredita-se assim que o projeto, ao contemplar, indissociavelmente, o ensino a pesquisa e a extensão, promova a identificação e assimilação cultural do chão em que pisamos.

Integrados ao processo, os relatos serão selecionados e agrupados em quatro grandes troncos, de acordo com: História (como experimentaram a História); Cultura

(crenças, mitos, costumes, rituais, fatos do imaginário coletivo); Anedotas (causos, fatos divertidos e lúdicos); Gente (mini-biografias), aspectos que procuram a alma do sujeito do Vale do Jequitinhonha.

No último bimestre, observaremos a utilização do material nas escolas através de questionários aos alunos e professores que estiverem afinados com o projeto, qualitativamente. Durante todo o processo, a questão ética será observada e respeitada. A análise sociocultural do uso do material didático no ensino médio ou alfabetização é um estudo interessante que fica em aberto para uma parte sequencial do projeto, para mais um ano.

5 Optamos por agir dessa forma em função do orçamento apertado do projeto, baseado em três mil reais para a duração de um ano e todo comprometido com combustível para o traslado de veículos. Outro ponto foi a necessidade de reservar com antecedência os veículos institucionais através de sistema próprio.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



Além disso, pretende-se estendê-lo gradativamente no futuro, expandindo seu alcance a todos os municípios constituintes dessa imensa porção de terra chamada Vale do Jequitinhonha e não só aos quinze iniciais sorteados para este primeiro ano de execução.

3. Resultados e discussões

O presente projeto ainda se encontra em seu terceiro mês de execução, de forma que as ações tomadas até o momento foram a respeito da melhor forma de condução, contatos, patrocínios, apoios e parcerias. À época da apresentação deste projeto no Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, já estaremos com 1/3 dos municípios cobertos e poderemos explanar sobre dificuldades e adaptações necessárias para a exequibilidade deste.

4. Conclusão

O projeto procura documentar em áudio e vídeo, in loco, relatos de pessoas do Vale do Jequitinhonha, pelos limiares dessa interseção, ou ainda, nos arredores de suas microrregiões. De tema livre, serão agrupados em quatro grandes troncos, de acordo com: História (como experimentaram a História); Cultura (crenças, mitos, costumes, rituais, fatos do imaginário coletivo); Anedotas (causos, fatos divertidos e lúdicos); Gente (mini-biografias), aspectos que tentam ilustrar a alma do sujeito do Vale do Jequitinhonha.

O filme, com até 90 minutos de duração, que faz um apanhado geral de cada entrevistado, será exibido, de preferência em praça pública nas microrregiões em que for interesse da respectiva prefeitura, ou nas escolas, e será entregue juntamente ao livro nas mesmas instituições. Duas exibições do filme serão realizadas na UFVJM, conforme horários e locais a serem posteriormente definidos e, encontra-se em negociação com a Prefeitura de Diamantina uma exibição ao ar livre ou uma exibição junto ao Teatro da Glória.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



Um blog do projeto, que já se encontra em fase de construção, funcionará, durante toda sua execução, como “diário de bordo”, de modo que todas as ações a ele referentes possam ser acompanhadas por aqueles que tenham interesse na área, com uma seção aberta para comentários, diálogos e dicas de pesquisa. Parcerias poderão acontecer no decorrer do projeto para publicidade ou outros serviços que se fizerem necessários para sua execução.

Ao final do projeto, um livro que o sintetiza através das histórias da região, com linguagens apropriadas para alunos do ensino fundamental e médio, intitulado “Vale mais que pesa”, será distribuído nas escolas, grupos e bibliotecas de cada microrregião pesquisada, para utilização complementar do material pedagógico que usam. Acredita-se que aprender literatura, por exemplo, com narrativas e fatos de sua própria região, além de despertar maior o interesse do aluno pelo chão em que pisa, pode ser um auxiliar fundamental em sua formação cultural.

O caminho das memórias é gratificante, nos aproxima do outro. Aprender a ouvi-lo, testemunhá-lo, compreendê-lo é estar afinado também com o tempo. Prepara-nos todos para o futuro, inapelável. Quando se mostra a um povo a si próprio em sua vivência cultural, rebrotam sentimentos de união e ancestralidades, traz força, dignidade e liberdade. A extensão universitária possibilita esses encontros felizes, buscando a sabedoria em cada ser. Indissociável da pesquisa e do ensino, a execução dos projetos por si só já provoca a movimentação dos dois outros membros.

De qualquer forma, espera-se que, embora o impacto direto seja a própria comunidade cultural pesquisada, parte do alvo sejamos também nós, docentes, alunos e técnicos da UFVJM. Isto porque muito mais da metade da comunidade universitária, nela inclusas as três categorias de classe (docente, discente e técnico-administrativa), não pertence à região. Vieram de muitas outras localidades, com seus valores culturais próprios, para cá. Portanto, trata-se de não ditar quaisquer valores pré-concebidos. Não repetiremos os erros dos ibéricos, que dizimaram enormes riquezas culturais em detrimento do brilho das pedras. Se quisermos realmente uma considerável e perceptível melhoria na qualidade da Educação, temos que começar respeitando a cultura do outro. No nosso caso, nós é que somos os “invasores”. Precisamos aprender a vibrar na mesma sintonia para que as palavras, sejam elas orais ou grafadas, alcancem seu destino, que não busca apenas um

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



aprendizado, mas toda uma cumplicidade sociocultural, melhor traduzida por sabedoria.

5. Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. Identidade. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CORNEJO POLAR, Antonio. O condor voa: literatura e cultura latino-americanas. Org: Mario J. Valdés. Trad.: Ilka Valle de Carvalho. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

DERRIDA, Jacques. A Farmácia de Platão. São Paulo: Iluminuras, 2005.

ORTIZ, Fernando. Contraponto cubano do tabaco e do açúcar. São Paulo: Edusp, 2000.

PORTAL POLO JEQUITINHONHA. Disponível em <http://www2.ufmg.br/polojequitinh-onha/>). Acessado em fevereiro de 2016.

RAMA, Ángel. Literatura e cultura na América Latina. Organização de Flávio Aguiar e Sandra Gardini T. Vasconcelos. São Paulo: Edusp, 2001.

RAMA, Ángel. Literatura, cultura e sociedade na América Latina. ROCCA, Pablo (org.). Trad.: Rômulo Monte. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

SELIGMANN-SILVA, Márcio, org. Palavra e imagem: memória e escritura. Chapecó. Argos, 2003.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:

